



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

A EDUCAÇÃO BRASILEIRA COMPREENDIDA A PARTIR DO TRATADO DE SANTO AGOSTINHO DE HIPONA: INSTRUÇÃO DOS CATECÚMENOS

Elisângela Santos Oliveira*
(UESB)

Ana Palmira Bittencourt****
(UESB)

RESUMO

A forma como a educação brasileira se organizou, sofreu uma influência marcante dos modelos pedagógicos idealizados pela Igreja Católica, que teve a sua configuração apoiada nos documentos, na memória e na tradição. Apesar de datarem de séculos longínquos foram se modificando, com o passar dos tempos e oferecem uma metodologia tão bem arquitetada que, ainda hoje, exercem forte controle na maneira de se conceber a educação e é imprescindível para a sua compreensão. Esse artigo apresenta algumas idéias pedagógicas concebidas por Santo Agostinho no Tratado intitulado “Instrução dos Catecúmenos”, e faz um paralelo com a pedagogia vivenciada no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Igreja; Memória.

* Especializanda em Fundamentos Sociais e Políticos da Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. E-MAIL: Elis_vc@yahoo.com.br.

** Professora Doutora. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. E-mail: apcasimiro@oi.com.br.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

INTRODUÇÃO

A primeira noção pedagógica escolar vivenciada no Brasil advém dos jesuítas – padres da Igreja Católica que faziam parte da Companhia de Jesus, ordem religiosa fundada em 1534 por Inácio de Loyola⁶ –, que chegam ao território brasileiro em 1549, junto aos colonizadores da expedição de Tomé de Souza, com a missão de catequizar os habitantes nativos.

O catecismo⁷ além de buscar promover a fé, pretendia também afirmá-la e aprofundá-la. Seu método procurava moldar o cristão, direcionando-o para aquilo que ele deveria crer, fazendo uso de uma metodologia elaborada para o alcance de tal feito (CASIMIRO, 2004).

Desde as suas origens, a Igreja promove o batizado de adultos nas terras onde o Evangelho é ainda desconhecido. O catecumenato⁸ tem então, para a Igreja, um significado importante e, no século V, foi uma das formas de conversão de adultos que recebia maior atenção. Na introdução do livro *Instrução dos Catecúmenos*, Pe. Hugo de V. Paiva ressalta que, a partir das obras deixadas pelos maiores doutores da Igreja⁹, é possível constatar a importância que a função catequética, desse período, tinha para a Igreja.

Promover e reafirmar a fé através dos textos bíblicos e textos oficiais da Igreja, que trazem registradas as experiências dos primeiros cristãos, dos apóstolos e dos

6 Ver: CASIMIRO, Ana Palmira B. S. **Elementos Fundamentais da Pedagogia Jesuítica**. Revista Educação em Questão. V. 20, nº 6 (mai./ago. 2004) p. 107-129.

7 Na linguagem atual, 'catecismo' é uma exposição das principais "verdades da fé" e um guia da ação e da oração, cujo objetivo é orientar a vida cristã. Verbete elaborado por Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro, In: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_catecismo.htm.

8 Preparação para o Batismo.

9 Cirilo de Jerusalém, Ambrósio de Milão, João Crisóstomo, Teodoro de Mopsuesto, Agostinho, etc.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

santos. Fortalecer os rituais, como o batismo, que significam a repetição simbólica dessas experiências. Esses são métodos pedagógicos de uma catequese inspirada e sustentada pelo exemplo, pelo modelo de condutas desenvolvidas no passado e pela rememoração.

Nesse momento de propagação da religião cristã como ideologia predominante, e de monopolização parcial da Igreja, sobre a esfera intelectual, onde, do ponto de vista da memória coletiva¹⁰, irá prevalecer a memória litúrgica em detrimento da memória laica, a memória desempenha uma função crucial no processo educativo arquitetado. Essa memória litúrgica faz menção à memória dos mortos, principalmente dos santos, no ensino o papel da memória ganha esses contornos, articulando o oral e o escrito, momento em que surgem os tratados de memória (*artes memoriae*). Estas características da memória, que Le Goff (2003) associou ao contexto da Idade Média, se manifestam nas práticas pedagógicas do catecismo.

Os primeiros padres deram início a obras sobre a teoria cristã e a educação, com a incumbência de catalogar as instruções morais do Antigo e do Novo Testamento. Essas obras consideradas como clássicos, vieram a influenciar todos os padres posteriores. Inicialmente com objetivos catequizadores, restritas aos mosteiros e, mais tarde, a partir de Carlos Magno¹¹, estendendo-se para além desses limites, com a criação de salas onde se recebiam os alunos.

São conhecidos alguns antigos manuais de instrução na fé, exclusivamente didáticos, como a *Didaché* (anônimo, do tempo dos apóstolos), o *Pedagogo* (de Clemente da Alexandria), e outros do período patrístico, que circularam junto com as primeiras regras de vida cenobítica, como as catequeses Mistagógicas, de S. Cirilo de

10 Sobre esse termo ver: HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

11 Foi sucessivamente rei dos Francos (de 771 a 814), rei dos Lombardos (a partir de 774), e ainda o primeiro Imperador do Sacro Império Romano (coroado em 25 de dezembro do ano 800), restaurando assim o antigo Império Romano do Ocidente. Para unificar e fortalecer o seu império, Carlos Magno decidiu executar uma reforma na educação.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Jerusalém, e a Instrução dos catecúmenos, de santo Agostinho de Hipona, dentre outros¹².

O presente artigo faz referência a uma obra em especial, *A Instrução dos Catecúmenos*, fruto de uma solicitação feita ao Bispo de Hipona, Santo Agostinho, por um diácono de nome Deogratias. Esse diácono apresentava dificuldades para exercer a catequese, apesar de possuir qualidades para essa função. “Deogratias se angustiava porque, encarregado de ensinar os rudimentos da fé aos candidatos ao catecumenato, tinha a impressão de aborrecer seus ouvintes” (AGOSTINHO, 1984, p.7). Atendendo a esse pedido, Santo Agostinho organizou um tratado orientando os modos de se ensinar os rudimentos da fé. Esse tratado ditava regras que iam, desde a escolha de temas e métodos, até à maneira de passar esses conteúdos, ou seja, a forma de se comunicar com os catequistas. A partir da leitura das “Instruções dos Catecúmenos”, pretende-se estabelecer um paralelo entre este documento e a pedagogia vivenciada na educação escolar brasileira.

I

Religioso e teólogo cristão, Santo Agostinho fez parte do grupo dos patrísticos, e criou um método para a doutrina cristã sobre um ponto de vista platônico. Natural da África, filho de uma família abastada, converteu-se já adulto, influenciado, sobretudo, pelas pregações de Santo Ambrósio.

É considerado a consciência da ortodoxia do seu tempo, o Doutor da Graça e, além de recolher a herança teológica da Antigüidade, influenciou toda a teologia posterior, até os dias atuais. S. Agostinho

12 Verbetes elaborado por Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro, In: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_catecismo.htm.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

escreveu muitas cartas, tratados teológicos, exegeses bíblicas e homilias¹³.

O seu tratado, *Instrução dos Catecúmenos*, foi elaborado não só tentando atender ao pedido do diácono Deogratias, mas também buscando auxiliar a todos que viessem a apresentar dificuldades na tarefa da catequese. Para Santo Agostinho, se constituía num dever servir “à Mãe Igreja”, também ele era desejoso de “ver distribuída a riqueza do senhor”. Dessa forma, com seu trabalho, via a possibilidade de contribuir para que os catequizadores desenvolvessem essa atividade de maneira mais fácil.

Uma das queixas apresentadas pelo diácono era em relação à exposição, ele sentia que essa, muitas vezes, aparentava ser enfadonha para os ouvintes. Partindo desse ponto, Agostinho esclarece que muitas vezes o expositor pode desagradar-se do que expõe, devido as suas próprias exigências, em buscar fazer da melhor forma, mas isso não significa que a exposição também esteja desagradando aos ouvintes. Ele se preocupou em fazer com que o expositor compreendesse a importância de se colocar na posição de ouvinte. Nesse ponto, esse tratado reserva atenção a narrativa, tendo como principal meta a capacidade de expor com alegria, essa é uma das grandes inquietações de Agostinho.

O fato é que somos ouvidos com maior prazer quando a nós mesmos nos agrada o nosso trabalho: o fio da nossa elocução é tocado pela nossa alegria e desenrola-se mais fácil e mais inteligível. [...] A grande preocupação reside na maneira de narrar, para que aquele que catequiza, quem quer que seja, o faça com alegria: tanto mais agradável será a narração, quanto mais puder alegrar-se o catequista. (AGOSTINHO, 1984, p.37).

13 Verbete elaborado por Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro, In: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_b_Agostinho_de_Hipona.htm.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

O tratado proporciona uma configuração prática, para alcançar a catequese. Preocupa-se, sobretudo, com a organização dos acontecimentos bíblicos, de modo a abordar a “História da Salvação”. Apresenta a forma adequada para narrar, estabelecendo o início e o fim dessa narrativa, “a catequese começa no Gênesis e termina nos tempos atuais da Igreja” (AGOSTINHO, 1984, p.11). Nesse sentido, deve-se escolher o que é indispensável para ser ressaltado, enfatizar os fatos mais importantes e dar pouca ênfase aos fatos de menor significado. Ou seja, selecionar o que for relevante, para o alcance do objetivo da instrução, “a catequese vai direto ‘aos fatos mais admiráveis’ [...] isto é, acontecimentos mais carregados de significações religiosas e reveladores do desígnio de Deus” (AGOSTINHO, 1984, p.12).

Estabelecido que o conteúdo da catequese é a “História da Salvação”, todos os fatos são narrados, norteando-o. Essa metodologia tem um objetivo, (AGOSTINHO, 1984, p.14):

O objetivo da catequese da História da Salvação é, pois, suscitar uma expectativa ou uma vida, cheia de fé, esperança e amor que, a partir da manifestação das Escrituras, descobre o Amor agindo em toda a história humana.

O que se busca com a catequese é construir nos ouvintes a noção de que são parte integrante de uma finalidade grandiosa e que, nesse sentido, devem se preparar para algo que está por vir, ou seja, existe um plano maior que vem sendo preparado desde os tempos remotos, pelos apóstolos, e todos têm a incumbência de agir em função disso. “Nem é outro o motivo pelo qual tudo o que lemos nas Escrituras santas foi escrito antes do advento do Senhor, senão afirmar a sua vinda e marcar com antecedência a futura Igreja [...]” (AGOSTINHO, 1984, p.39).

Tudo acontece no sentido da volta de Cristo – ressurreição. As Instruções se desenvolvem, tendo como meta a caridade, as antigas escrituras e o advento de Cristo, cujo fim é o amor. Dessa forma, visa moldar um indivíduo capaz de crer, ser caridoso e



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

orar; seguir crendo, esperando e amando. Objetiva-se que, ao fim, tenha-se infundido no ouvinte a esperança de salvação.

O tratado também considera importante o despertar, no ouvinte, do sentimento de responsabilidade diante da abnegação de Deus, que enviou o Seu filho – Jesus Cristo – para que morresse pelos homens, redimindo os seus pecados. “Se hesitávamos em amar a Deus, agora pelo menos não vacilemos em pagar o seu amor com amor, já que Ele próprio foi o primeiro a amar-nos e não poupou o seu Filho único, mas O entregou por nós todos” [...] “e demasiado duro é o coração que se não queira *dar*, não quer nem ao menos *pagar* o amor” (AGOSTINHO, 1984, p.41).

É importante considerar que os ouvintes apresentam características diversas, e buscam o conhecimento das Escrituras, por motivos diferenciados. É necessária então, a investigação, por parte do expositor, das intenções do ouvinte, devendo atentar-se para os que estão realmente “abalados pelo temor de Deus”, distinguindo-os daquele que “não deseja realmente tornar-se cristão, mas simular que o deseja: a fé não está no corpo que se inclina, mas na alma que crê” (AGOSTINHO, 1984, p.44). Para Agostinho, esses pretensos cristãos, em determinado momento podem passar a querer de fato o que até então simulavam, “De fato, não sabemos em que momento vem com o espírito aquele cujo corpo já vimos presente. Devemos agir de maneira que se desenvolva nele, se o não tem, o desejo de cristianismo” (AGOSTINHO, 1984, p.45).

Vislumbra-se nas Instruções a idéia de unidade, esse princípio religioso segundo o qual a história segue uma progressão contínua e a totalidade da história humana tem trajetória definida e um fim previsto, escatológico. Nesse sentido, o homem é preparado para viver em harmonia, obediência, solidariedade, caridade, sacrifício e preocupado com a maneira como vai chegar ao fim da sua história e, posteriormente, ao fim da história da humanidade, quando suas ações pregressas decidirão se a eternidade que viverá será ou não o paraíso.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

II

Salvaguardada a distância dos modelos catequéticos da Antiguidade, pode-se afirmar que a Educação no Brasil se desenvolve, especialmente, influenciada pela pedagogia vivenciada na Igreja. Os primeiros missionários que atuaram no Brasil foram os franciscanos que, apesar de terem sido bem aceitos pela população não foram os que mais se sobressaíram. Também para o Brasil vieram os beneditinos, mas esses não objetivavam instruir, nem contavam com registros pedagógicos. Como explica Saviani (2008, p.41), “além de franciscanos e beneditinos, outras ordens religiosas se fizeram presentes no processo de colonização do Brasil, como os carmelitas, mercedários, oratorianos e capuchinhos, tendo desenvolvido alguma atividade educativa”.

A pedagogia aqui referida traduz aquela expressa por Saviani (2008, p.6-7), considerada como idéias educacionais:

[...] não em si mesmas na forma como se encarnam no movimento real da educação, orientando e, mais do que isso, constituindo a própria substância da prática educativa. Com efeito, a palavra ‘pedagogia’ e, mais particularmente, o adjetivo ‘pedagógico’ têm marcadamente ressonância metodológica denotando o modo de operar, de realizar o ato educativo.

Contudo, são os jesuítas que têm maior destaque, com a missão de catequizar os índios, no começo da colonização. E, para o território brasileiro, trazem um conjunto de idéias pedagógicas, acumuladas durante séculos, e que aqui serão adaptadas às condições encontradas. (SAVIANI, 2008). Para Casimiro (2008, p.45-46)

Essa pedagogia, transplantada de Portugal, foi a quintessência da vida colonial e, mesmo quando terminaram as relações coloniais, com a vinda de D. João VI, com a Independência do Brasil e, mais tarde, com a Proclamação da República, muitos dos seus traços permaneceram.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Partindo do princípio de que as instruções, presentes no documento, se manifestaram, ainda que de forma remota, na catequização do Brasil, e compreendendo-as como posturas pedagógicas no processo de educação religiosa, pode-se supor que encontramos uma pedagogia análoga no processo de educação escolar.

Ou seja, algumas dessas instruções parecem terem sido adaptadas à forma de organização da educação escolar brasileira, mas sabe-se que esta semelhança se deve ao próprio modelo de teologia moral cristã que se conservou unitário através do tempo. Vejamos alguns exemplos, quando passaremos a elencar as Instruções, dizendo em que consistia e o que pretendia, segundo o documento. Em seguida faremos umas considerações sobre o método que propaga, em paralelo com a postura similar, na pedagogia brasileira.

Em sua preocupação com a narrativa, parte-se inevitavelmente da memória, sendo assim essa percorre desde as experiências dos primeiros cristãos, partindo do homem concreto na busca pela argumentação que comprova a existência de Deus. Essa exposição é isenta de reflexões. Os argumentos da autenticidade dos fatos e da sua veracidade é a fé, e a comprovação é a memória dos acontecimentos que envolveram os cristãos. Tudo foi predito por Deus. A memória buscada pela educação escolar, durante muito tempo foi a trajetória de heróis, de líderes políticos, de guerras. Por exemplo, a história política de tradição positivista que perpetuou os grandes feitos e os grandes homens. Sustentada em documentos oficiais tidos como verdadeiras janelas que revelam o passado¹⁴.

Em relação à escolha dos conteúdos, esses deveriam ser selecionados não de forma a suscitar no ouvinte o desejo de aprofundar-se no tema exposto, investigando-

¹⁴Sobre isso ver: BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997, 153 páginas. Tradução Nilo Odalia.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

o, mas somente despertar a fé. Sendo assim, cada conteúdo é portador de um apelo (AGOSTINHO, 1984). Trazendo essa metodologia para a realidade escolar vivenciada no período proposto, tem-se que, muitas das críticas dirigidas a essa, advêm da ausência de métodos hábeis em tornar os alunos cidadãos críticos, capazes de intervir na sociedade. A escola, tradicionalmente, apresenta um discurso reprodutivista e inquestionável, sugerindo que o que se propaga é a única possibilidade existente. Assim acontece com as disciplinas exatas, quando as fórmulas matemáticas são utilizadas de maneira alienada. Assim, também, acontece nas ciências humanas, quando os alunos aprendem apenas as teorias apresentadas, quando sabemos que existe uma diversidade de teorias, que muitas vezes até se contrapõem. Da mesma forma em que ressalta a importância da narrativa, falando da importância de narrar com alegria, mas sem propor um debate sobre o conteúdo ou uma análise da sua veracidade ou contextualidade, desconsiderando os anacronismos que ocorrem ao usar um exemplo de conduta do século I para a solução de problemas dos séculos XVI, XVII ou XX.

A noção de Castigo é apresentada, para aqueles que são resistentes aos ensinamentos da fé é o seu afastamento da Igreja. Ou seja, os homens devem adequar-se aos moldes pregados nos ensinamentos, sob pena de ficarem isolados. Com o discurso propagado pela pedagogia escolar não é diferente, afinal, aqueles alunos que não se adequam ao modelo e resistem aos conteúdos passados em sala de aula, acabam ficando excluídos nesse sistema. O costume de cunhar os alunos como: rebeldes, preguiçosos, burros etc.; infringir-lhes castigos físicos como cascudos, beliscões, palmadas com réguas, palmatória; ou ainda, constrangimentos como, ajoelhar-se sobre o milho, usar chapéus estilizados, ficar de costas em pé no canto da sala, escrever repetidamente uma frase ou nome na lousa, ser privado do recreio ou da merenda escolar; pode ser uma herança dessa noção de castigo proposta pela pedagogia cristã.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

A questão de adaptar a exposição ao ouvinte, conhecer o público a partir do que cada ouvinte diz sobre seus intentos e procurar naquele espaço encaixar o discurso nos propósitos e nos conhecimentos que já trazem consigo, também é uma preocupação presente na pedagogia educacional brasileira. Os professores devem aproveitar o conhecimento já existente nos seus alunos, considerar origens e projetos de forma a facilitar a compreensão do que se quer transmitir.

Para suscitar interesse no ouvinte deve existir uma expectativa – *Exspectatio* – a que no caso da pedagogia jesuítica é a esperança da ressurreição. Na escola, para esse fim, definem-se objetivos capazes de persuadir o aluno, fazendo-o crer na importância desse conhecimento para a sua vida.

III

Ao longo da história da Educação brasileira, as influências da metodologia catequética se fazem presentes nas formas de ensinar, na medida de cada contexto histórico, nos modos de selecionar os conteúdos, na maneira de punir aos alunos, na forma de dispor as carteiras nas salas etc. Marcas da pedagogia cristã, ainda hoje podem ser encontradas, sobretudo, em estabelecimentos particulares mantidos pelas Igrejas Católicas. Mesmo historiadores atuais encontram no ensino dos jesuítas um germe da escola moderna (SAVIANI, 2008).

Se é possível criticar essa pedagogia, apontando nela tópicos do que hoje denominamos pedagogia tradicional, como o fato de objetivar uma formação homogeneizadora, desconsiderando as especificidades existentes, da mesma forma não se pode negar a sua metodológica grandiosa e funcional no alcance dos objetivos pretendidos.

As leituras até agora realizadas, sinalizam a possibilidade de traçar um paralelo, ainda que considerando a distância apreciável de tempo entre eles, entre os



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

métodos pedagógicos do documento intitulado *As Instruções dos Catecúmenos*, e a pedagogia brasileira vivenciada. Por isso, o presente artigo ao ser concluído não encerra esse estudo, antes aponta para a necessidade de aprofundar leituras no campo da pedagogia católica, sobretudo aquela voltada para o catecismo, e a pedagogia escolar do Brasil.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO (Bispo de Hipona). **A Instrução dos Catecúmenos: Teoria e Prática da Catequese**. (Trad.) M^a da Glória Novak. (Introd.) Pe. Hugo Paiva. (Prefácio) Almir Guimarães (OFM). Petrópolis: Vozes, 1984. (Fontes da Catequese, 7).
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997, 153 páginas. Tradução Nilo Odalia.
- CASIMIRO, Ana Palmira B.S. **Apontamentos sobre a Educação no Brasil Colonial**. In: SILVA, José Carlos e LUZ, José Augusto. *História da Bahia*. Salvador: Arcádia, 2008. (p. 17-50) (no prelo).
- CASIMIRO, Ana Palmira B. S. **Elementos Fundamentais da Pedagogia Jesuítica**. *Revista Educação em Questão*. V. 20, n^o 6 (mai./ago. 2004). p. 107-129.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.
- SAVIANI, D. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2008.
- http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_catecismo.htm
- http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_b_Agostinho_de_Hipona.htm